

O RESGATE DOS CAUSOS DA REGIÃO DO ALTO PARANAÍBA E DO NOROESTE MINEIRO COMO POSSIBILIDADE DE RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL

Cláudia Guimarães Maia*
Ms. Helânia Cunha de Sousa Cardoso**

Resumo: A presente pesquisa propõe a valorização da cultura popular na escola, destacando os *causos* do Alto Paranaíba e do Noroeste Mineiro. Partindo da leitura, análise e seleção de textos coletados em pesquisa anterior, foi elaborado e aplicado um Projeto Pedagógico que visou ao aproveitamento dos *causos* no espaço escolar, como possibilidade de repensar a sociedade em que se vive e o papel que cada indivíduo desempenha neste contexto.

Palavras-chave: Valorização. *Causos*. Escola. Alto Paranaíba. Noroeste Mineiro.

Abstract: This research proposes a valorization of the popular culture in the school, showing local stories of Alto Paranaíba and Noroeste Mineiro. The study starts in the reading, analyzing and selection of texts that was collected in a previous research. It was elaborated and executed a pedagogical plan which objective was the utilization of the local stories in the school space as a possibility of rethinking the society in where we live and the role that each person plays in this context.

Key-words: Valorization. Local stories. School. Alto Paranaíba. Noroeste Mineiro.

1. Introdução

Esta pesquisa tem o objetivo de apresentar e explorar narrativas orais da cultura brasileira, destacando os *causos* do Alto Paranaíba e do Noroeste Mineiro. Inicialmente foi realizado um estudo e uma seleção de *causos* já coletados em pesquisa anterior¹, com vistas a serem aproveitados na escola, para despertar o gosto dos alunos pela leitura.

Num segundo momento, tentou-se organizar um plano de trabalho que possibilitasse a divulgação e exploração dos *causos* da região do Alto Paranaíba e do Noroeste Mineiro nas escolas do ensino fundamental e da educação infantil das referidas regiões.

* Aluna da 4ª série diurna do curso de Pedagogia (2003) do UNIPAM e bolsista do III PIBIC.

** Professora de Literatura Brasileira no UNIPAM e orientadora da pesquisa.

¹ Causos coletados em pesquisa anterior (2000) pelas alunas da 1ª série do curso de Pedagogia do UNIPAM, sob orientação do saudoso Prof. Ms. Sérgio Celani Leite.

Acredita-se que, a partir de atividades de ordem teórica e prática, como interpretações de textos, por exemplo, tem-se a oportunidade de se repensar os inúmeros fatores sociais que podem auxiliar a aprendizagem dos alunos. Atividades interdisciplinares também podem ser propostas na sala de aula², a partir dos *causos* em estudo, uma vez que a cultura popular apresenta várias riquezas, nos aspectos sociais, culturais, religiosos, dentre outros, que podem ser explorados de forma efetiva nas escolas.

O ponto de partida da pesquisa foi uma pequena experiência anterior com crianças de cinco a seis anos, em que foi possível perceber o interesse, o entusiasmo e a participação delas ao fazerem comparações de linguagens. Na oportunidade, as crianças conheceram os vários tipos e níveis de linguagem, de danças, de vestimentas, de comidas, de ritmos. A magia do povo brasileiro proposta pelo conto, pelas histórias, pelas fábulas despertou os interesses dos alunos. Através da troca de experiências, do conhecimento das raízes culturais dos povos, as crianças perceberam as diversidades e as mudanças que ocorrem através dos tempos.

De acordo com D' Ambrósio, “ao escutar seu aluno o professor ensina a trocar experiências” (2003, p.25). Desse modo, acredita-se que conhecer e estudar a cultura é, sem dúvida, valorizar o aluno, a sociedade e a própria identidade das pessoas. Então, como aproveitar a literatura popular no contexto escolar? É possível repensar práticas pedagógicas hoje, buscando valorizar o outro e sua cultura dentro do cotidiano? O folclore, a literatura, em especial o resgate dos *causos*, são convites para despertar e enriquecer o conhecimento dos alunos, pois o mundo atual está preocupado com novas tecnologias, esquecendo-se do passado e das riquezas culturais dos povos.

A relevância da pesquisa, portanto, está na possibilidade de levar ao conhecimento de professores do ensino fundamental e da pré-escola, e a quem possa interessar, pressupostos metodológicos que contribuirão para o conhecimento da cultura das regiões envolvidas. Até onde se pôde observar, as regiões do Alto Paranaíba e do Noroeste Mineiro não mereceram uma pesquisa específica nessa área do conhecimento.

² A interdisciplinaridade está prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais de História e Geografia (vol. 5).

2. Fundamentação teórica

Sabe-se que o conceito de cultura é diversificado. Os registros no dicionário da língua portuguesa de Silveira Bueno (2000) observam que este termo está para

Desenvolvimento intelectual, saber, utilização industrial de certos produtos naturais instituições, costumes e valores de sua sociedade, cultivo. (Bueno, 2000, pg. 210).

O primeiro passo a se dar no sentido de resgatar as raízes, as tradições dos povos é buscar entender o vasto conceito de cultura. A maioria dos conceitos pretende resgatar e fazer o reconhecimento da própria identidade cultural de cada cidadão. Rever a importância e o valor da cultura que está presente nas vidas das pessoas desde o nascimento, considerando suas riquezas e diversidades é importante e fundamental para as crianças modernas. A maioria desconhece suas origens, seu passado, as histórias do local onde nasceram, onde moram, enfim, histórias de avós, tios, vizinhos etc.

“Uma história não se explica, se conta”, observa Jorge Amado (apud, AMARAL, 2003, p. 7). Esta proposição mostra uma forma sugestiva de se adaptar nas escolas e em casa o hábito de contar histórias, e de ouvir também. Quando a criança ingressa na vida escolar ela, com certeza, leva uma grande bagagem cultural. Assim, muitos educadores podem trabalhar de forma prazerosa, ouvindo as experiências dos alunos e desenvolvendo trabalhos paralelos com as demais disciplinas do currículo escolar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de História e de Geografia mostram que

ao ingressarem na escola, as crianças passam a diversificar seu convívio, ultrapassando as relações de âmbito familiar, interagindo com outros grupos sociais, estudantes, educadores, etc. que é caracterizado pela diversidade e ao mesmo tempo por relações entre iguais. (1997, p. 51)

Percebe-se, hoje, em um país capitalista, globalizado, muitas novidades tecnológicas e intercâmbios. No entanto, há um esquecimento quase que total das variedades regionais, das tradições, das brincadeiras, das cantigas de roda, das rezas, das catiras, do folclore regional, das contações de *causos*. Para muitas pessoas, resta a

saudade das tardes, assentadas na varanda da casa para ouvir os *causos*, as lendas, as fábulas dos mais velhos. Ouvia-se com prazer, atenção e com curiosidade cada narrativa.

Nos dias atuais, não se tem mais esse hábito. O tempo que sobra da correria do dia-a-dia é ocupado frente à televisão, ao computador. Não sobra mais tempo para o prazer de ouvir histórias dos mais velhos. Assim, o passado, a tradição, tudo de fantástico pode vir a ficar no esquecimento. É importante lembrar das palavras de Schopenhauer (apud AMARAL, 2003, p. 7): “Somente a história poderá dar a um povo a consciência de si mesmo.”

Os *causos*, como as lendas e as poesias, envolvem o leitor por possibilitar o imaginário e a magia. Muitos educadores consideram que esse tipo de texto gera prazer, principalmente na fase escolar, quando as crianças mostram-se interessadas e curiosas, pois estão sempre querendo descobrir e conhecer o diferente em relação ao outro, ao passado e ao inexplicável. As histórias podem ser consideradas como fascinantes e encantadoras para as crianças, despertando nelas mais interesse e prazer para com a leitura.

Romero (1977) foi um dos pioneiros desse tipo de estudo, inaugurando, no Brasil, no século XX, as primeiras pesquisas cujo objetivo era analisar o folclore, a literatura oral em plano sistemático: poesia, teatro tradicional, orações, jogos infantis e contos populares. Para o folclorista, tais estudos possibilitariam o conhecimento do caráter dos povos. A pesquisa de Romero, segundo Cascudo³, instaurou-se como desafio, já que surgiu em um momento em que a cultura brasileira ainda recebia influência do contexto europeu.

Atualmente, pode-se encontrar uma grande variedade de trabalhos, cuja perspectiva é a valorização da cultura popular do Brasil. Machado (1993), pode ser citado como exemplo, uma vez que a pesquisadora observa que a cultura deve ser pensada no plural e no presente, como forma de representação viva e dinâmica das classes populares. Através de sua pesquisa, a autora percebe que as mudanças ocorridas por meio dos tempos interferem em aspectos culturais importantes como o folclore da região, as folias, a economia, a religiosidade, a devoção, a fé, a culinária, os festejos, as fases da política, o trabalho, a rotina diária, enfim, as memórias e raízes de um passado submerso de riquezas.

³ Conferir ROMERO, 1977.

Segundo a pesquisadora, “a modernização e o desenvolvimentismo são caminhos cruzados de um mesmo tempo. O que permite perceber modificações nas relações sociais nas formas de viver e pensar culturalmente”. (1998 p.14) No dia-a-dia, em salas de aulas, crianças fazem várias indagações de como era a vida de seus antepassados; como seus avós e bisavós viviam; como estudavam, brincavam, festejavam.

Diante dessas considerações, resume-se que a sociedade, a cultura, o folclore em si têm um papel importante na educação. Para Fernandes (1978, p. 96), “o folclore constitui uma realidade social.”

Portanto, com tantas abordagens e multiplicidades de pensamentos acerca deste assunto, cabe aos educadores e à sociedade em geral contribuir para que estas riquezas culturais não acabem ou caiam no esquecimento. É preciso propor estudos e investigações para que fortaleçam ainda mais os estudos da cultura e do folclore nos meios escolares.

3. Critérios para seleção e estudo do *corpus*

Já que a seleção do *corpus* visava a uma futura exploração das narrativas nas escolas de ensino fundamental, alguns critérios foram observados para essa seleção. As propostas de Abramovich (1995) sobre as características de uma boa literatura para crianças contribuíram para essa observação. Segundo a autora, a linguagem apreciada pelas crianças valoriza a brincadeira com as palavras. Essa linguagem lida “com a ludicidade verbal, sonora, às vezes musical, às vezes engraçada.” (1995, p.67). Há um jeito especial de juntar palavras, fazendo com que se movam pela página quase como uma cantiga, e ao mesmo tempo jogando com os significados diferentes que a mesma palavra possui. A sonoridade, os ritmos produzem recursos poéticos e didáticos, que encantam o leitor, criando uma aproximação com os personagens e com novas descobertas. Para a autora, a rima é uma brincadeira com as sílabas e sons. O ritmo é considerado como marca essencial que possibilita o acompanhamento musical do que é lido e vivido. Desse modo, foram valorizados *causos* que aproveitam tais recursos:

O MINEIRO EM GOIÁS⁴

*Não é de ver que o Jair do Léo
Há certo tempo atrás
Resolveu visitar a Afrânio
E a Maria do Carmo lá em Goiás.*

*Ajuntou umas economias
E empreendeu a viagem
Ansioso por conhecer novos lugares
Admirava a paisagem.*

*Lá chegando que alegria
Receberam - o com emoção
Conversaram até tarde
Sobre aquela região.*

*Afrânio assim dizia:
- Aqui é bom demais
o que planta colhe
e é bom pra animais.*

*No outro dia cedinho
saíram para passear
foram ver uma campina
a mais linda do lugar.*

*Viram emas, capivaras
sossegada a pastar
mutuns, jacus, e araras
o seu canto a entoar.*

*Mas surgiu um touro bravo
que ali vivia tranqüilo
considerando-os como intrusos
passou a persegui-los.*

*Com as patas batendo no solo
o chão chegava e tremer
aí o Jair do Léo e o Afrânio
começaram a correr.*

*Logo na frente existia
uma árvore de murici,*

⁴ Narrador: Paulo Roberto Caixeta Idade: 41 anos. Escolaridade: 4º ano primário. Profissão: operador de máquinas. Localidade: Patos de Minas. Motivo da narrativa: satírico

*o Afrânio trepou depressa
pra do touro escapular.*

*E o Jair do Léo
quis também subir no pau
o Afrânio disse: não venha o pau
é fraco se subir dois o tombo é fatal.*

*O boi foi chegando perto
E o Jair do Léo pra se esconder
Entrou em um buraco
Onde o marruco não podia ver.*

*Mas mal entrou foi saindo e viu
o touro se
Aproximando suando desesperado
Ficava do buraco saindo e entrando.*

*Afrânio impacientou-se e
gritou naquela hora:
Ô Jair vê se ocê decide ou
Fica lá dentro, Ou cá fora.*

*E o Jair do Léo angustiado
com tamanho sofrimento gritou:
como é que ocê que eu fique lá
pois tem uma onça lá dentro.*

No texto citado, observou-se a riqueza dos aspectos sonoros que valorizam o ritmo e a musicalidade dos versos.

Os *causos* podem ser explorados também nos seus aspectos sensoriais, como tato, visão, olfato, e até, o paladar. As crianças sentem sabores, sensações de viver no mundo de fantasias, no imaginário. Elas têm sensibilidade ao ouvir ou ao contar um *causo*, produzindo novos sons e deslocamentos culturais.

AS REZAS⁵

*É eu tinha uns 17 anos, nessa época eu morava
na fazenda, lá no perto tinha umas reza lá no cruzeiro*

⁵ Narradora: Geralda Gomes. Idade: 60 anos. Escolaridade: 1º grau. Profissão: do lar. Localidade: Patos de Minas. Motivo da narrativa: religiosa.

quando não chuvia, os antigo mandava rezar e fazer uma procissão, podia ser uma procissão pequena, carregar as pedras na cabeça com o sol muito quente, e água uma cruz e colocá as pedra lá. Depois, no segundo domingo do mês, tinha umas reza, fazia os girau com pau verde, dortado lá no mato e colocava os leilão, pra...pra tira dinheiro, tirar renda, tira renda pra dá prum pobre. E aí, na hora de rezá o terço, era um terço antigo que o povo rezava, soltava fuguete, quando soltava fuguete tinha umas pessoas que ia de a cavalo, o cavalo ficava amarrado, o cavalo istorava o cabresto e aí era de fazer o glória ao padre, uns saá falando chiiiiii.....chiiiiiiii e e depois nos cantava assim:

- Gloria ao pai, é o filho, é do ispirito e santo.

Os homem respondia:

- Se pudera no principio, é de século sécoria amém.

- As mué rispundia:

-Amado Jesus, José, Joaquim e Ana e Maria eu vos dou o meu coração e a alma.

E assim terminava o terço.

Quando terminava o terço, vinha uma chuva das mais grossa, a gente continuava rezar depois passava a chuva, ia gritar os leilões.

Eu tinha um namorado muito bonito, ele rematava umas cestinha cheia de amêndoa, levava pra mim, a gente sentava num cupim ia cume amêndoa.

Depois a gente ia embora, num usava nem pegá na mão, Ele ia carregando a cestinha de amêndoa pra mim, uma hora a gente ia de a cavalo, eu na garupa, outra hora ia de a pé mesmo.

Percebe-se ainda a ligação dos causos com os sonhos, os desejos, as vontades, e a emoção do leitor. Através desse tipo de narrativa, é possível retratar anseios, felicidades, idéias, falas de amor, do amigo, algo especial, inesperado, tristeza, sentimento perda de algo ou de alguém, terror, saudades.

A PREGUIÇA DE SÃO PEDRO⁶

Eu num to lembrada mais duma coisa, sabe.... mais eu queria contá uma historinha.... eu já contei d' outras coisas, agora vou contá uma historinha muito interessante.

E a história que a gente contava uns p'ros outros quando não tinha televisão.juntava gente lá em casa as

⁶ Narradora: Sebastiana Maria Castro: Idade: 84 anos. Escolaridade: analfabeta. Profissão: aposentada. Localidade: Patos de Minas. Motivo da narrativa: moral/religioso

crianças pra ouvi as nossas histórias que nós aprendeu com os antigo.

Diz que uma vez, Jesus saiu com São Pedro. Diz que São Pedro só vivia com Jesus, mais isso é história, num ta na bíblia não,Aí , diz que um dia ele falou:

- Pedro, hoje nos vamos fazer uma viagem. E São Pedro já começou a resmungar.

E Jesus falou:

- Vamos assim mesmo. O sol está muito quente, mas vamos assim mesmo.

Ao, quando eles saíram, o sol muito quente, ele só reclamando, São Pedro só reclamando que o sol tava quente..... e nunca mais chegava a um lugar de beber água..... E Jesus , lá vai caladinho na frente. Quando chegou lá na frente, ele achou, tinha uma ferradura lá no meio da estrada. Ai Jesus falou:

- Pedro, penha essa ferradura.

Ai ele falou:

-Ah... eu não vou panhar não. A gente ta com sede, com fome.... esse sol quente, não vai panhar não...

Aí, Jesus voltou pra traz e panhou a ferradura. Aí quando ele ivai toda vida, viu uma fumaça saindo lá no meio do mato, e um triizinho. Ai Jesus não falou nada com ele. Entrou nesse trii e ele atrais, São Pedro pensou assim: Agora eu vou tomar água.

Parece que tem uma casa, vou tomar água.

Quando chegou lá. Era um ferreiro. De premero o povo tinha era, ele falava era forsa, num sei como é que é, aquele negócio. Era um trem de couro que ele soprava o carvão ali, pra por o ferro para desinteperar o ferro na água, e fazer as coisas: colher de ferro, panela, essas coisas assim , era ferreiro.

Ai Jesus chegou lá e falou com eles:

- Ocê quer me comprar essa ferradura?

Ai o home foi e pego , e falou compro. Comprou a ferradura deu umas moedinhas em troca da ferradura. São Pedro ai ficou pensado e falou:

- Ocê, não tem água ai pra mim beber não?

Ai ele falou:

- Ah.....água aqui é longe meu filho. Eu busquei agora mesmo nas cabaça e despejei aqui. Tem dessa de desetperar o ferro qui, ta suja.

Aí, Jesus não esperou muita coisa, foi saindo. Ai quando la ia chegando, . Chegando assim uma distância da cidade que eles ias, veio um menino, com um carrinho, de uva cheiinho de uva, pra vender na cidade. Ai Jesus foi e falou com o menino:

- O ce me vende um cachinho de uva?

Ai o menino pegou e vendeu a uva para Jesus, com aquelas moedinha.

Ai Jesus foi bem devagarzinho, na frente, e foi saltando aquelas uvas, e São Pedro pegando. Foi indo, até..... soltou todas as uvinhas daquele cacho de uva.

E São Pedro agachando e apanhando aquelas uvas.

A noite quando chegou lá na cidade, ele parou e falou assim:

Pedro quantas vezes você parou pra apanhar essas uvas?

Ai ele falou assim:

Ah.... que não dei conta de contá não, elas tavam tão boas, tão saborosas.

E ele falou assim:

- Isso é para você não ser preguiçoso, porque ocê ficou com preguiças de panhar a ferradura e eu te castiguei, com esse negócio ai.... oh.... Pedro Isso é uma lição pr'ocê não ser preguiçoso, porque a gente nunca que deve de andar assim..... reclamando a vida, essas coisas..... e por isso que aconteceu isso co'cê. Ce seja sempre bom e obediente, porque é falta de obediência, a gente fala as coisas com'cê, ce fica resmungando e reclamando. E assim terminou a Historia.

É importante ressaltar que quando foi aplicado o Plano Pedagógico, esta narrativa foi a que mais chamou a atenção das crianças.

A vivência, o cotidiano são aspectos importantes, explorados nas narrativas que atraem pequenos leitores; pois são relatos das coisas, de sua ou de outras épocas. São relatos que mostram sentimentos, que trabalham o imaginário popular, as crenças, o lúdico e as noções de dentro e fora da realidade das crianças de modo geral.

A MULHER DE 7 METROS⁷

Aqui em Patos, sempre, eles falava muito na mulher de 7 metros e nós morava lá perto onde era o campo, lá em baixo, campo do URT. Aí nós morava lá.... tinha o campo..... mas não tinha como é hoje. E aí nesses tempo eu tinha uns 10 anos, mais ou menos, e aqui, na bera da lagoa, tinha um lugar onde os homens juntava tudo pra jogar toda noite, e meu avó era doido por causa dos jogo.

Aí um dia ele foi daqui pra lá, de madrugada, sozinho quando ia pra lá da cadeia, na rua Tiradentes, apareceu aquela

⁷ Narradora: Sebastiana Maria Castro: Idade: 84 anos. Escolaridade: analfabeta. Profissão: aposentada. Localidade: Patos de Minas. Motivo da narrativa: ético/moral.

mulherzinha lá longe. Aí ela veio chegando e foi crescendo, e foi crescendo.... quando ela chegou pertinho deles, ela ficou alta mesmo.... aquele mundo mesmo. Ele olhou pra cima e ele não agüentou e desmaiou..... desmaoiou quando foi no outro dia é que achou ele lá, assim Ele contou a história desse jeito.

E meu avó, ele é que fez essa linha daqui de Patos, deus de a linha da Santana, aqui tudo Patos de Minas essa linha de automóvel, que passava pr'aqui, e hoje é asfalto, mas era tudo de terra.

Ele trabalhava a aí, a gente ia levar comida pra ele lá na as veis tava trabaiano sozinho, sempre ele trabaia por conta, de capina, co, enxada, eu ia mais meu irmão, levar comida pra ele quando ele tava sozinho.

Quando num tava sozinho, levantava eu, minha tia, nós levantava de madrugada, ali na rua do Zé de Santana. Aí nós morava ali, e ia fazer comida pra levar.

Levava num caxote de, desse caxote de querossene que tinha uns tempo, os calderãozinho pra cada companheiro que tinha.

Muita vezes, nós passava a gente ia lá e eles tava trabaiano lá naquela coisa, Até São Pedro da Ponte Firme2..... passou pra lá tudo.... meu avô era esse que viu a mué de sete metros. Passou esse medo cum essa mué de sete metro.

Outro aspecto que deve ser ressaltado na literatura e na vida é o humor.

Causos humorísticos também foram selecionados:

À MODA DA SEMANA⁸

Vou apresentar aqui para a senhora dona Rita as palavras escritas por minhas mãos: A moda da semana.

Vou contar pra vocês, a vida da gente nos sete dia da semana de acordo com o nascimento.

Quem nasce na segunda-feira, conforme o giro do mundo, as mué são passadeira e os home são vagabundo.

Quem nasce terça-feira, que só nasce gente feio, as muié com nariz de parmo os home de parmo e meio.

Quem nasce na quarta-feira, já nasceu tudo atrasado, as mué iguinorante, os home é burro ao quadrado.

Quem nasce na quinta-feira, vam aresumi de uma vez, as mué calça butina e os home calça no xadrez.

Agora nós vamo falá,

Agora nós vamo falá, quem nasceu na sexta-feira, os home são lobsomen e as muié são feiticeira.

⁸ Narrador: Arnaldo Silva: Idade: 74 anos. Escolaridade: semi-analfabeto. Profissão: aposentado rural. Localidade: Patos de Minas. Motivo da narrativa: moral/ético.

*Quem nasce no dia de sábado com os home não
tenho fé, fala fino e não se sabe se é home ou muié.*

*Quem nasce no dia de domingo, é que a coisa se
escangaia, as muié que veste calça os home é que veste saia.*

Ao selecionar o material, observou-se também a relação entre a faixa etária das crianças e a simbologia dos *causos*, os aspectos lingüísticos, o vocabulário, a fantasia, o imaginário e a oralidade.

A partir da seleção dos 11 *causos*, constatou-se a importância de estimular os alunos para o mundo da leitura, para viver o mundo fantástico de uma história por alguns minutos, pois ao ouvir uma história, um *causo*, a criança estimula o seu potencial musical, pictural, e teatral.

Não se deve esquecer nunca que o propósito da narração de contos é o de ensinar a criança a escutar, a pensar, a ver com olhos da imaginação e, acima de tudo, a se divertir ao aprender.

Morrow, (apud ZANOTTO, 2003, p. 5), ensina que “recontar uma história é contar o que se lembra da mesma após sua leitura ou audição”. Através da dramatização, recontando *causos*, interagindo, familiarizando com outras culturas, com novas formas de expressar conhecimentos e trocando experiências, a criança desenvolve, certamente, um maior gosto para a aquisição de novas informações.

Os *causos* que o povo conta ficam registrados na memória e sempre homenageiam heróis e glorificam os deuses. É um imaginário presente que lembra fantasmas, romances, fatos religiosos, o impossível, o incerto, as rotinas do dia-a-dia, as invenções. Enfim, relatos que surpreendem e prendem a atenção do ouvinte, em qualquer época, em qualquer situação e que podem ser resgatados através dos tempos.

4. Da teoria à prática

A segunda parte desta pesquisa apresenta o Plano Pedagógico que foi executado em uma das escolas da região envolvida.

4.1 Projeto Pedagógico

TÍTULO: O aproveitamento da literatura popular no contexto escolar.

ASSUNTO: Leitura.

SÉRIE: 2^{as} Séries do ensino fundamental.

4.1.1 Introdução

A relevância deste Plano é apresentar a cultura popular, o folclore, os *causos* em especial, nas escolas a fim de trabalhar aspectos importantes como a oralidade, a imaginação, a musicalidade, os sonhos e fantasias e a vivência do povo mineiro..

Enfatizando os relatos do cotidiano e do passado, revendo as manifestações populares, tentou-se conscientizar essa geração de estudantes para o quanto o folclore pode contribuir para a formação da identidade dos povos.

4.1.2 Objetivos

- Valorizar a exploração dos *causos*, na sala de aula.
- Identificar e reconhecer as variações lingüísticas.
- Propor a interação dos contos populares nos conteúdos escolares.
- Propiciar aos alunos a conscientização de valorizar e resgatar os costumes e identidade, através dos *causos*.
- Conseguir com que os alunos utilizem sua criatividade para desenvolver o seu lado crítico.

4.1.3 Recursos didáticos

- Canetas esferográficas;
- Cartolina;
- Cola;
- Tesoura;
- Fitas k7;
- Papel sulfite;
- Lápis;
- Caneta;
- Fita Crepe;

- Aparelho de som; e
- Outros materiais, caso seja necessário.

4. 1.4 Desenvolvimento

Para a realização desse projeto foi necessário seguir algumas etapas:

- Contato direto com a instituição, com o propósito de apresentar o Projeto, mostrando os seus critérios e os objetivos e solicitando permissão para a realização do mesmo.
- Adaptação do Projeto à rotina e ao Plano de Aula dos professores, informando dia, horário ele poderia ser trabalhado de forma organizada.
- Contato com as turmas, com o objetivo de mostrar de forma sistemática, o plano e as etapas a serem desenvolvidas.
- Como aula de Língua Portuguesa, leitura e interpretação de um texto, mostrando o conceito de cultura, de folclore, como forma de evidenciar o sentido deste estudo e como os textos orais da região do Alto Paranaíba e do Noroeste mineiro são importantes para a ampliação de conhecimentos.

4.1.5 Procedimentos

1ª AULA:

A sala foi organizada em círculo, para trabalhar a linguagem oral. Informalmente, foi feita uma breve entrevista com os alunos, a fim de conhecer um pouco o público alvo. Esta entrevista, continha perguntas como:

1. Onde mora?
2. Já morou em outro lugar?
3. Percebeu alguma diferença de um lugar para o outro?
4. Já visitou ou tem contatos com pessoas da zona rural?
5. O que gosta de fazer?
6. Que livros que gosta de ler?
7. Tem o hábito de ouvir ou contar *causos*?
8. Já ouviu um *causo*, uma história, uma lenda?

2ª AULA:

Uso de áudio para mostrar a narração de *causos*, através das fitas k7, para que os alunos percebessem a forma de falar, o sentido e o contexto de cada *causo*.

Houve um debate em que foram abordadas questões como: Qual o *causo* de que mais gostaram? Perceberam alguma diferença do modo de falar das narrativas?

Foi solicitada uma entrevista com pais, avós, vizinhos, tios ou outros conhecidos e pediu-se que os alunos procurassem resgatar e registrar os *causos* relatados nas entrevistas. Esse material foi exposto com o objetivo de se fazer comparações e leituras de outros *causos*, dando aos alunos a possibilidade de perceberem a grande riqueza cultural que se encontra em nossa volta.

3ª AULA:

Para enriquecer o Projeto, contou-se, com a presença de um contador de causos, o Sr. Paulo Roberto Caixeta, o qual visitou a escola e ilustrou a aula com suas histórias.

No final da aula, cada aluno apresentou sua pesquisa e após essas apresentações, houve uma discussão e comparação entre os diversos causos relatados. Essa atividade explorou a oralidade e cada aluno pôde perceber aspectos importantes como: o imaginário, a fantasia, o humor, a vivência e outras características desse tipo de texto.

4ª AULA:

Uma vez realizada a discussão e conhecimento dos *causos* e sua importância, a sala foi dividida em quatro equipes, para que cada aluno apresentasse e expusesse, em forma de cartaz, os *causos* de que mais gostou, suas características, enfim, o que pode perceber de importante e proveitoso no estudo dos *causos*. Houve, posteriormente, a exposição dos cartazes na escola.

5ª AULA

Houve uma produção de texto, em que equipes de quatro alunos cada uma, se reuniu e discutiu a narrativa preferida. Em seguida, os alunos produziram um pequeno texto em que eles eram os personagens da história. Depois eles ilustraram e expuseram suas idéias e criatividade para as outras equipes.

Os trabalhos foram finalizados com uma conversa informal e com uma avaliação oral e escrita das atividades propostas.

4.1.6 Sugestões interdisciplinares

O assunto em tela pode ser trabalhado em todas as disciplinas: a linguagem, as variações lingüísticas e as expressões populares em todo seu contexto, na área de Português; o vestuário, a comida, na Geografia, na História e nas Ciências; a cronologia, as datas dos relatos, na Matemática, etc.

4.1.7 Corpus utilizado

Na seqüência, a listagem dos *causos* que foram selecionados e estudados neste Projeto, bem como suas respectivas classificações, de acordo com os arquivos pesquisados.

A moda da semana: Fita 4, lado B. Narrativa: satírico.

O mineiro em Goiás: Fita 4, lado B. Narrativa: satírico.

Pescada proveitosa: Fita 4, lado B. Narrativa: encantamento.

A mulher de 7 metros: Fita 3, lado A. Narrativa: religiosa.

O picolé: Fita 8, lado B. Narrativa: que relata o cotidiano.

A mula sem cabeça: Fita 8. Narrativa: que relata fábulas.

As rezas: Fita 9, lado A. Narrativa: etiológico, para explicar fenômenos da natureza.

As malandragens dos alunos: Fita 9, lado A. Narrativa: moral/ético.

O eclipse: Fita 4, lado B. Narrativa: etiológico, para explicar os fenômenos da natureza

O perdão: Fita 5, lado A. Narrativa: religiosa.

A preguiça de são Pedro: Fita 3, lado A. Narrativa: religiosa.

5. Conclusão

Na primeira reunião com os educadores, foram previstos cinco dias para a execução do plano, sendo sessenta minutos para cada aula. Todas as professoras se mostraram entusiasmadas com o Projeto, participaram da elaboração do quadro de horários e fizeram valiosas sugestões.

Ao iniciar a aplicação do projeto, houve uma breve conversa informal com as crianças, a fim de conhecer melhor o público alvo e mostrar os objetivos a serem alcançados. Na entrevista realizada com os alunos, percebeu-se que eles se envolveram com a proposta, sempre opinando, expondo suas idéias e fazendo perguntas.

Durante a execução do Projeto, os alunos trocaram conhecimentos, mostraram-se entusiasmados, participaram de forma efetiva das atividades propostas. Perceberam por si só a variação de linguagem. Ao realizar as entrevistas, compararam o seu modo de falar com o modo usado pelos entrevistados, familiarizando-se com as narrativas. Fizeram diferenciação entre os tristes, os alegres, os assustadores, etc. Assim sendo, perceberam a musicalidade dos textos a partir do ritmo dos versos de algumas histórias. Enriqueceram as aulas com outros materiais afins, expuseram trabalhos, etc.

Percebeu-se, com essa proposta o desejo dos alunos de criar novas histórias, colocando-se como personagens dos *causos*, dramatizando-os, invertendo os papéis, fato importante para a socialização e o desenvolvimento dos conhecimentos, uma vez que puderam se colocar em outras épocas, outros lugares, outros modos de ser, de agir e de falar.

Em síntese, o Projeto foi aplicado em cinqüenta horas / aulas, alcançando os objetivos propostos, esclarecendo dúvidas, expondo idéias, acumulando conhecimentos, e, o mais importante, conscientizando os alunos para a valorização dos costumes, da identidade cultural dos povos.

A pesquisa culmina com uma avaliação da proposta e com a confirmação da hipótese de que, mesmo diante da parafernália técnica do mundo moderno, ainda é possível resgatar e explorar a cultura popular nas escolas.

6. Referências bibliográficas

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995. v. 7.

AMARAL, M. F. **História de São Gonçalo do Pará**: à beira do Rio Pará. São Gonçalo do Pará: SERFOR Serviços Gráficos Ltda. 2003.

ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense. 1981.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: história e geografia. Brasília, 1997.

BUENO, Silveira. **Mini dicionário da língua portuguesa**. São Paulo : FTD, 2000.

CARVALHO, B. V. de. **A literatura infantil – visão histórica e crítica**. 4. ed. São Paulo: Global editora. 1985.

D'AMBRÓSIO, U. A cultura da paz na escola. **Revista Escola**. São Paulo: Abril. mar. 2003. p. 25.

FERNANDES, F. **Folclore em questão**. São Paulo: Hucitec. 1978. (Coleção Estudos Brasileiros 8).

JACINTO, V. Sonho em forma de livros. **Gurilândia**. Minas Gerais. fev. 2001.

LARAIA, R. de B. **Cultura – um conceito antropológico**. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahor. 1993.

MACHADO, M. C. T. **Cultura popular e desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)**. 1998. 03 a 291- Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ROMERO, S. **Estudos sobre a poesia popular no Brasil**. 2. ed. Petrópolis: Vozes. 1977.

ZANOTTO, M. A. do C. Recontar histórias. **Revista do Professor**. Porto Alegre. Abril / maio 2003, p. 5-9.